

Esta é a história de António Daborda e Augusto Marques, gente simples de um Povo que ao longo dos tempos construiu com o seu esforço e sua ambição um País, mas que nunca soube ou foi incapaz de reivindicar o seu nome e lugar na História.

- Sabe, Padre - diz António para o seu Capelão - a nossa desgraça começa na Grande Aventura que foram os Descobrimientos. Preguiçamos o cérebro perante a grandeza da Coisa! Somos um Povo, que aceita sem sentido crítico, que lhe seja ensinado que a História é feita por heróis afonsos, gamas, pereiras e oliveiras. Nunca reivindicamos o nosso nome e lugar na História.

Frustrados por terem sido impedidos de sair do navio e obrigados a permanecer ao largo no Porto de Funchal no dia 31 de Dezembro de 1971, com o argumento de que poderiam causar incómodos aos turistas, em noite de festa de fim de ano!

- Veja Padre - diz António - somos dois mil homens a bordo e não somos capazes de reivindicar o respeito e o reconhecimento que merecemos. Que merecem os nossos Camaradas que por lá deixaram tudo de si: A Vida!

Esta conversa teve lugar a bordo do navio que trazia de regresso a casa, António Daborda e seus camaradas, após dois anos de guerra em África!

...da I PARTE

1

UMA QUESTÃO DE SAIAS

(Abril de 1969)

- Não sei, se calhar é por não casarem.

- *Então* e agora?

- Agora, conserta-se a cadeira e senta-se outro nela e fica tudo na mesma - diz António Daborda.

Quem pergunta é Augusto Marques, moço da idade de António e ambos em idade da tropa.

As perguntas vêm de pequeninos. Amigos de sempre, Augusto habituara-se às respostas de António, tomando-as como certas.

- Como é que sabes isso? - Perguntava Dona Rosalina dos Carvalhos ao seu menino Augustinho.

- Disse o António! - e pronto. Era lei!

- E porque é que o senhor abade anda de saias e os outros homens não? - perguntava Augusto, nos seus sete anos de *inocência* aos sete anos de *ciência* de António.

- Não sei, se calhar é por não casarem. A minha mãe diz que os padres não podem casar e não podem ter filhos, se calhar é por isso!

- Mas as mulheres andam de saias e têm filhos, não vêm da cegonha, como diz o Hélder da tijaquina, vêm da barriga das mulheres, que eu espreitei a minha mãe com a barriga cheia e pernas abertas a gritar para ter a nossa Rosa!

- Sim, sim, eu sei, a minha mãe já me contou que os bebés nascem da barriga das mulheres, mas os padres não podem ter filhos... se calhar é por isso.

- Pode ser, mas o meu pai diz que o senhor Prior, o outro senhor Abade que se foi embora da nossa terra, tinha um afilhado que era filho dele e da criada. Eu pensei que a criada era a mulher dele!...

Este interessante diálogo sobre questões de saias foi anos atrás, tempos de meninos da primária, entre António Daborda e Augusto Marques. Diálogos, perguntas e respostas que se prolongaram pela mocidade fora. Hoje, homens feitos, lâmina na cara, mancebos prestes a iniciar o serviço militar, o tema é mais sério, embora se trate de uma simples queda de cadeira. Uma queda, que podia ter mudado muita coisa... e que não mudou!

António desconfiava que não e por isso, à incerteza de Augusto, responde com a sua certeza desconfiada:

- Agora... senta-se outro nela e fica tudo na mesma! A única coisa que muda para os jovens como nós, é que daqui a alguns meses estaremos a combater em África - acrescenta - e provavelmente iremos para sítios diferentes!

Resposta dada, resposta aceite. Augusto sempre dera como certas as respostas do António e não era agora que iria duvidar do seu amigo, mais a mais, estudante. Estudante, dos poucos da sua aldeia cujos pais tiveram a ousadia e desfaçatez de mandar filhos de pobres estudar na grande cidade capital do distrito! e, ao que dizem, muito aplicado. Disso não duvidava Augusto Marques que tinha bem presente os desenrascanços que o seu amigo lhe proporcionara na primária, quando apertado pelo professor, figura severa e implacável, surdo que nem uma porta, mão peluda, grossa, que mais parecia pata de elefante e que sem aviso prévio, sacudia com um pesado safanão as frágeis cabeças dos mais distraídos, deixando-as aturdidas, *Zum zum, sua bestinha quadrada, já devia ter respondido.*

Ainda não tinha acabado o *zum, zum, sua best...* já a pata de elefante tinha sacudido a frágil cabeça do distraído, que era distraído por não saber a resposta. Nestas alturas, Augusto, que morava ao lado na carteira de António, seu companheiro de classe, tentava adivinhar a pergunta do surdo professor e com o cotovelo, perguntava a António a resposta para pergunta adivinhada e, deste modo, tentava safar-se do terramoto sobre a sua confusa cabeça. Variadíssimas vezes este expediente resultou. Outras, não!

Agora, na idade de mancebos, em vésperas de ingressarem na tropa, os jornais falavam da queda. Timidamente. E Augusto quer saber coisas.

- Então, achas que fica tudo na mesma?

- Claro, vais ver que sim, continuas a trabalhar nos campos com o teu pai, eu continuo a estudar, a guerra nas províncias ultramarinas continua e nós vamos para a tropa quando nos chamarem e de certeza que vamos lá bater com os costados. Pena é que, provavelmente, não iremos para o mesmo sítio, mas até pode ser que sim, que nos encontremos lá por África.

GUIA DE MARCHA

- ..e não te armes em herói, rapaz!

- *F*ui à Junta da Freguesia ver o Edital. Vou assentar praça em Abril, vou para as Caldas e tu vais para Santarém - diz António a Augusto - o senhor abade anunciou na missa que já estavam afixadas as incorporações e dei um salto à junta de freguesia para

ver. Vou no dia 25 para as Caldas da Rainha e tu vais para Santarém, mas não fixei o dia.

- Ah, está bem, obrigado – diz Augusto – de tarde passo na Junta para ver. Depois combinamos e vamos os dois na segunda ou terça-feira ao governo-civil buscar as Guias de Marcha.

Era um domingo por hora do jantar¹ e António tinha ouvido a notícia na missa da manhã. O senhor abade tinha lido na homilia. Augusto, moço de poucas missas, tinha ido pescar e desconhecia a novidade. No entanto, não ficou de todo admirado, pois sabia que a coisa estava para breve. Outros da terra, colegas da mesma idade, já se apresentavam na missa de cabeça rapada e, vaidosos, vestidos de militares, falavam com entusiasmo do embarque para Angola. No adro da igreja, os mais entusiastas e gabarolas, rodeados da pequenada que lhes tocava com a mão como se fossem heróis dos filmes de cowboys, falavam das façanhas que iriam protagonizar:

- Quando lá chegar, vou dar cabo daquilo tudo. Vou dar cabo de todos aqueles turras! Vou partir tudo! – afirmavam.

- Então rapaz, ouvi dizer que tens data marcada para embarcares para Angola.

- Sim tio, vou embarcar no próximo dia dezanove! Para a semana passo lá por casa para me despedir.

- Está bem, está bem, não te armes em herói, rapaz! Olha que o teu pai precisa de ti! Sabes que lá em casa há muitas bocas para sustentar e o teu irmão não ganha nada de jeito! Não te armes em herói, tem juízo nessa cabecinha – repetia o tijaquim da tidiolinda, homem de bom senso, em vésperas do embarque do sobrinho.

Entusiasmados com a perspectiva de combaterem em África, defendendo a Nação contra os turras, António e Augusto tinham o desejo de irem juntos para a mesma província ultramarina.

5

TELEFONEMA

▪ A lista de Schindler.

- *A* Berta da loja veio dar o recado... disse que o Augusto telefonou e que vem este fim-de-semana a casa e vai estar cá uma semana... parece que vai mudar de quartel, mas a ligação não estava muito boa e a conversa ficou a meio.

- Se calhar vem para ir para a África, não?

- Ò mulher, vira para lá essa boca! O rapaz ainda não tem tempo para ir para fora. Está apenas há três meses em Santarém e ainda tem que ir tirar uma especialidade. Só depois é que pode ser mobilizado, mas eu já estou a dar umas voltas para o livrar da guerra. Tenho é que arranjar cinquenta contos!

- Cinquenta contos?! E onde vais arranjar tanto dinheiro? E quem conheces capaz de livrar o nosso filho?

- Olha, o dinheiro não vai ser problema. Se for preciso, vendemos a cavada dos Aguius. Só em madeira fazemos 20 contos e trinta, vale bem a cavada. Quanto ao resto... deixa comigo. O meu irmão de Aveiro conhece muita gente!...

Este preocupado diálogo é entre João Marques e sua mulher Rosalina dos Carvalhos, pais do nosso Augusto Marques, que em Santarém dá o corpo ao manifesto, preparando-se para o que der e vier.

- O mais certo é mesmo irem todos para África. Pelo nosso filho, fazemos qualquer sacrifício – podia ouvir-se na casa de João Marques ou noutra qualquer, onde houvesse

¹ Na aldeia de António JANTAR era a refeição do meio-dia.

filho na tropa e tivessem posses para o livrar da guerra. Posses de dinheiro ou de valores.

- Da tropa não o livro, é quase impossível. O melhor é irem pelos pedidos dos padres, têm mais influência. Mas da guerra? sim, de certeza que o livro, conheço gente importante, que por cinquenta contos livra o teu filho da guerra.

Isto mesmo disse, dizia, por entre-dentes, o menino Arnaldinho da menina Luisinha, homem solteirão a caminho dos cinquenta, putanheiro e punheteiro a tempo inteiro, jogador com vício de casino nas horas vagas e chefe de repartição no governo-civil, nas horas de receber salário. Era uma figura respeitável, O Menino. Filho da senhora Maria Luísa, a Luisinha do Prior como era conhecida, ou simplesmente a Luisinha, como também carinhosamente era chamada pelas gentes da aldeia. Senhora na casa dos sessenta, mais perto dos setenta, passou grande parte da sua vida como criada do Prior. Era criada residente e a tempo inteiro e ao que parece, para todo o serviço. Não conheceu casamento e também não se lhe conhecia o pai do seu Arnaldinho. Um dia, perto dos vinte, moça viçosa e de boa aparência e olhar tímido, pegou na trouxa e abalou para a terra. O senhor Prior disse na missa que a Luisinha tinha adoecido e tinha ido para a terra para se pôr boa. Um ano depois, regressou à aldeia e com ela, trazia nos braços o seu Arnaldinho. Diziam as más-línguas que era a cara chapada do Prior. O Menino cresceu neste santo ambiente e, na idade de aprender as primeiras letras, desapareceu por completo da aldeia.

- Está a estudar. - dizia Luisinha.

Alguns anos mais tarde, por altura da Páscoa, apareceu de saias, já moço, bem parecido, ainda mais parecido até no andar com o senhor Prior e a puxar a libido às moças da terra.

- Então, o teu menino é quase padre? Está um belo homem! Que desperdício! - diziam as amigas mais próximas.

- Oh... ainda tem muito que estudar, ainda lhe faltam uns anitos, só tem dezoito anos e antes dos vinte e um, vinte e dois, não se ordena, mas vai ser um bonito padre, disse tenho a certeza.

No ano seguinte voltou novamente pela Páscoa e de novo vestido de batina e até fez sermão na missa!

- O rapaz tem jeito, parece um pregador - diziam envaidecidos os gentes da aldeia. - A terra vai ter um pregador famoso!

No ano seguinte do seguinte voltou à terra, agora sem sotaina e sem colarinho branco, mais moço, mais alto e ainda mais bonito, no dizer da Lindinha das Vessadas, moça da idade de Arnaldinho e sua companheira nas primeiras brincadeiras de criança *ao senhor doutor*. Não mais saiu da terra, O Menino. Só para passear. Por altura da inspecção militar, apareceu-lhe uma doença qualquer, complicada, coitado, e o Senhor Prior tratou-lhe do atestado médico com carimbo e selo branco e ficou livre da tropa. Empregou-se no governo-civil e hoje, chefe de repartição, aguarda a sua promoção a director.

Vemo-lo então, com toda a cautela a elaborar a *lista de Schindler* por cinquenta notas, coisa pouca para tão importante missão; A de livrar da guerra os filhos queridos das boas famílias!

- Por cinquenta contos, livro o teu filho da guerra - repetia em voz baixa, olhando para os lados, abeirando-se cautelosamente do potencial cliente à saída da missa.

- Sabes como é João, são várias as pessoas na coisa e um bocado a um, outro bocado a outro, lá se vai o dinheiro todo e esta gente está habituada a viver bem - rematava com ar desinteressado. - Então o teu filho está em Santarém? Fui eu mesmo que lhe entreguei as Guias de Marcha. Para ele e para o estudante, o António Daborda. Mas esse já está em Lamego num curso qualquer para malucos.

- Sim, o Augusto está em Santarém - disse o senhor João - parece que acabou agora a recruta e vem este fim-de-semana.

- E olha que vai bater com os costados em África - disse o Arnaldinho - aquilo por lá está bastante azedo, os jornais não falam, escondem a situação, mas eu é que sei.

Era isto mesmo que o tijoão estava a dizer à sua mulher Rosalina. Que estava a dar umas voltas para livrar o rapaz. Só não contou todos os pormenores, devido à delicadeza

da coisa. O que mais lhe recomendara Arnaldinho, é que não comentasse com ninguém, muito menos com a esposa, mulher por quem ainda nutria em silêncio uma certa fantasia vinda do namorico envergonhado de adolescente e que aos quarenta e tais, a caminho dos cinquenta, ainda não tinha esquecido o quanto lhe mexia com a libido:

- Não contes nada à Rosalina, senão ainda acabamos com a pide às pernas e olha que esses tipos não são flor que se cheire – recomendava Arnaldinho, conhecedor das artes da polícia que actuava à civil – sabes como são as mulheres, não guardam segredos de nada!

ARREPIOS

- **apanhar turras à mão e que só os malucos...**

Aquela conversa com o Arnaldinho tinha deixado João Marques seriamente preocupado. Especialmente, a referência ao António Daborda sobre aquele *curso para malucos* em Lamego. Sentia um calafrio ao pensar no assunto. Tinha o rapaz em boa conta e não lhe parecia que ao moço lhe faltasse algum parafuso. Antes pelo contrário, sempre o teve como moço sensato. Mais a mais, o seu Gusto era unha-com-carne com António e sabia que o seu filho nutria por ele grande admiração. Poderia vir a ser um problema, aquela coisa do *curso para malucos*.

- À cautela, o melhor é arranjar os cinquenta contos – pensava João Marques, enquanto tratava da sulfatação do seu vinhedo, que este ano dava sinais de abundância - *bem preciso* - continuava a pensar - *que cinquenta contos não ganho em três anos na lavoura. Isto está uma miséria, não dá mesmo nada!*

Estava nestas cogitações, quando foi interrompido por Dona Rosalina:

- Sabes, encontrei o António Daborda. Está bonito, o rapaz! Perguntou-me se o Gusto já tinha acabado a recrutar. Disse-lhe que ele telefonou para o tasco do Maneta, a dizer que vinha este fim-de-semana e que ia ficar por uma semana. Perguntei-lhe onde estava e ele falou-me num curso qualquer de comandos em Lamego. Sabes o que isso é, João? O rapaz como estudou, deve ser para comandar os tropas, deve ser, julgo eu!

João Marques estremeceu!

- Bem, eu já ouvi qualquer sobre o assunto.

- Onde?

- Creio que foi no Maneta, parece que é um curso para apanhar turras à mão e que só os malucos é que vão para esse curso, vão todos para a guerra e quando vêm, segundo se falou, não conseguem dormir! Vêm apanhados pelo clima!

- Mas onde ouviste tal?

- Já te disse, acho que foi no tasco do Adriano Maneta ou na barbearia do Gervaz, não sei!

Dona Rosalina sentiu um arrepio pela espinha abaixo, ainda mais arrepiado que o do seu João, quando Arnaldinho lhe pediu as cinquenta notas! Era como se tivessem trocado pensamentos e arrepios e deu consigo a pensar da mesma maneira que o seu

marido:

- Olha lá, sempre vais tratar da venda da cavada dos Aguins?

- Sim, sim, já estou a tratar disso. Já vendi a madeira, só falta cortá-la. Afinal, rendeu mais do que o que eu estava a contar, falta negociar o terreno, mas estou a tratar do negócio. Já está apalavrado com o Alves empreiteiro.

- E se falássemos com o Senhor Abade para ter uma conversa com o Augusto?...Talvez ele lhe arranjasse uma doença - atirou dona Rosalina, como se o tema já estivesse a meio.

- Para quê? Bem sabes que o nosso filho nunca foi de grandes conversas com o Padre e por outro lado, sempre seguiu o António. Só nos estudos é que não. O melhor, é quando chegar falarmos com ele e meter-lhe medo. Dizer-lhe que o seu amigo está meio maluco e que não tem amor à vida. Temos é que arranjar depressa os cinquenta contos!

25

ENCONTRO

- E que fez a tua tia, bateu-lhe?

António ficou aparvalhado quando reconheceu o amigo.

- Tu!... Por aqui! Perdeste o juízo? Dá cá um abraço!

- Ontem perguntei por ti, mas estavas para a cidade.

- Sim, fomos dar uma volta às meninas. Andamos no engate nos Remédios. Estava muito quente e fomos até à mata. Vamos para o bar conversar um bocado.

- ò Carvalho, vamos ao bar e vimos já. O nosso instruendo mete o nome no saquinho daí por um bocado, pode ser? Enquanto decorre o sorteio e como isso vai demorar, vou com o nosso instruendo ao bar. Se for necessário alguma coisa, estamos lá, ok? - diz António para o camarada Carvalho, o instrutor que controla uma das mesas do sorteio.

Os dois amigos dirigem-se para o bar. Augusto sente-se mais solto, menos inibido e mais alegre com a presença do amigo. As últimas horas, que foram as primeiras em Lamego, tinham sido intensas, esgotantes e assustadoras, - *isto aqui é de doidos!* - tinha pensado Augusto.

- Aqui no bar, não há comida nem bebidas alcoólicas, se quiseres tomar alguma coisa, só há água, sumos e café, mas daqui a pouco toca para o almoço. Então, conta lá meu malandro, o que te deu para vires para Lamego?

- Isto é de doidos - diz Augusto - cheguei apenas há algumas horas e parece que foi há um ano! Ontem acordei às...

- Sim, eu sei, depressa te habituas e vais ver que não é tão assustador como parece!
Diz lá, quais são os teus planos?

- Eu quero pertencer ao teu grupo.

- Sim? Mas olha que fui sorteado para a Guiné e ao que dizem, a guerra lá é complicada, além do clima que é muito severo, segundo informação dos instrutores que já lá estiveram. O melhor é seres sorteado e seguires o rumo que a sorte te destina.

- Não, António! Eu quero seguir contigo, se vais para a Guiné, eu também vou.

- Bem, como já te conheço...então vamos ali à mesa dizer ao Carvalho para te meter na lista da Companhia da Guiné. Diz-me uma coisa, passaste por casa antes de vir para Lamego?

- Não, vim directamente de Santarém. Os meus pais não sabem onde estou, ou antes, pensam que estou em Santarém. Não telefonei à Berta da mercearia, não tive coragem e não era conversa para se ter ao telefone... quando vamos a casa?

- Bem me parecia que não disseste nada! Fizeste bem! Não era conversa para se ter ao telefone... quando vamos a casa? Talvez daqui a duas semanas. Aguenta e depois conversamos com os teus pais. Fizeste bem em não telefonar!

António ficou preocupado. Sabia que Augusto era o filho querido do tiojoão e da tiorosalina. Augusto era o único filho homem. Tinha três irmãs mais novas, mas Augusto era o predilecto da tia Rosalina e este adorava os pais e as irmãs – as *minhas pequeninas* – dizia com carinho, por serem bastante mais novas e todas em escada. Sentia-se o chefe de família, quando da ausência do pai. Nos campos, os jornaleiros cumpriam as suas ordens como se fossem do patrão João Marques. Agora, o filho estava na tropa, o que era mau para o rendimento da família, nos Comandos e em vias de ir parar à Guiné. Seria demais para o coração da tia Rosalina.

- Mas por enquanto ela não sabe, depois logo se vê! Ainda bem que não telefonou .- pensou António, enquanto almoçava.

À memória, veio-lhe um episódio do quanto o tiojoão gostava do seu rapaz: - Um dia, por volta dos onze ou doze anos, armado em Zé do Telhado, Augusto desafiou António a irem roubar fruta aos terrenos dum vizinho.

- Fruta? Mas tu tens carradas de fruta em casa!

- Está bem, mas não é a mesma coisa, já falei com o Zeca Mocho, com o Manel do Pousão, com o Jaime e com o Luís do Morais e eles alinham – diz Augusto – alinhadas ou não?

- Claro que alinhadas e onde vamos?

- À quinta do tio Alberto dos Aguias, tem lá umas peras que nem te digo! Vamos no Domingo de manhã na hora da missa. Está toda a gente na Igreja ou a dormir. O tio Alberto deve estar na missa.

Foram à fruta e depois foram à GNR. Ou antes, a gêmea veio até eles. Não eram cinco ou seis, mas dúzia e meia deles. O Luís disse ao Nelson, este disse ao irmão e o irmão disse ao seu colega Tonecas. O Tonecas disse ao seu primo e o primo disse a outro primo e já eram vários os grupos na ougadice das pêras. O grupo do Zé do Telhado multiplicara-se e era agora o de Ali Bábá e os quarenta ladrões! A quinta levou um rombo, apesar do **ABIZO** escrito à mão pelo jornaleiro Zé da Mula, pintado com tinta de zarcão numa tábuca tirada dum caixote de sabão e amarrada com arame de ramada ao pesado portão de ferro:

ABIZO²: abizase que este terrenos tem ratueira de fogo i que iston intregues a vigilansia da guarda republicana i que as ubas tem cagajá.

A guarda investigou e chegou ao Augusto. O Augusto perguntou e chegou à lista de todos os membros da quadrilha da pêra sagrada. Pelos vistos, era grande. Se fossem a

² Era prática comum colocar nas propriedades estes avisos, assim como colocar nos muros, vidros e garrafas partidas espetadas para cima e presas com cimento ou saibro! Nas uvas era comum espalhar um pó branco a que chamavam cagajá.

concurso, as pêras do tio Alberto dos Aguias traziam medalha de ouro! Toda a gente gostava delas.

- E quem mais? - pergunta Augusto ao Luís do Morais.

- O meu primo Jerónimo.

- Quem é o teu primo Jerónimo?

- O da tia Rufina, um que *bibe* lá em cima no Outeiro.

- E como é que sabes que ele também foi?

- A minha tia contou à minha mãe e disse que ele chegou a casa com o regaço cheio de peras.

- E que fez a tua tia, bateu-lhe?

- Não, disse-lhe que *debia* ter enchido também os bolsos e a boina!

A contabilidade já ia longa. António riscava com um caco de telha feito lápis no alcatrão da única rua da aldeia. Única, digna desse nome. Os miúdos estavam de joelhos sobre o alcatrão e prestavam atenção à contabilidade.

- Aponta aí, António: primo do Luís, outro risco. E quem mais? - O Alfredo da Moira, risca aí, Alfredo da Moira mais um risco.

A lista crescia. Cada nome era um traço...dezasais, dezassete, dezoito. Dezoito quadrilheiros do Zé do Telhado.

- Quem mais?

- Xico do Cabido.

- Esse já disseste!

- Não disse, não.

- Então, de quem é este risco aqui em cima?

- Sei lá, tu é que riscas, tu é que sabes!

E voltavam outra vez ao princípio! Primo do Luís, um, Arlindo da Moira, dois...

- Espera lá! O Arlindo ou o Alfredo?

- Sei lá, põe aí os dois. O que o Alfredo faz, o primo quer fazer. Põe aí os dois e cala o bico! Xico do Cabido, quatro...dezasais, dezassete, dezoito. Dezoito riscos. Está certo, *semos* dezoito a pagar. Eram dezoito os famintos da fruta da terra santa. Famintos? Todos! Todos, não! Augusto, o Capitão da Quadrilha-mor não era faminto de fruta. Em sua casa havia para dar, vender e deitar ao gado, que também é gente! Mas esta era especial, embora Augusto não o soubesse. Perante a intransigência do senhor Alberto dos Aguias, o senhor João Marques perguntou-lhe:

- Afinal, o que têm as tuas peras de especial para queres tanto dinheiro pelo prejuízo?

- É que a pereira foi trazida pelo meu pai quando foi a Israel na excursão do senhor Prior. Eu era pequenino e lembro-me do meu pai, que deus tem, dizer que roubou esta pereira e que por ser roubada ia pegar melhor e dar bons frutos.

- Ah! Agora percebo porque é que os miúdos não resistem! Olha, mando-te um cabrito e estamos conversados, fica tudo resolvido - disse João Marques.

E ficou!

Não se discute com quem enfrenta g n erres!

CARTA A GARCIA

- Que se passava com Augusto?

- Então, meus meninos, as férias foram boas? Sejam bem-vindos ao paraíso, que aqui há muito que fazer!

Antônio e Augusto estavam de regresso a Lamego. Estavam na parada, em posição de *descanso à Comandos*, como diziam os instrutores:

- Nosso instruendo, posição de *descanso à Comando*, não é o mesmo que estar a descansar de perna cruzada e com palito nos dentes, lendo o jornal. Pernas abertas, mãos atrás das costas, barriga para dentro e peito para fora, o Comando não dorme, descansa, mas está sempre atento e em posição correcta.

Esta lenga-lenga já não causava moça a Augusto. Já estava habituado e percebia o significado do discurso. Confessa que de início isto mexia um bocado com a sua cabeça e por vezes sentiu ganas de dar um murro, principalmente no Sargento-armário, o tal do Suplicio de Tântalo, que gozou e lhe deu tanga quando o obrigou a beber do cantil mal cheiroso!

- Beba, beba mais nosso instruendo, tooooda, que fresquinha que é, de certeza que o nosso instruendo aproveitou alguma distracção e encheu o cantil com água fresquinha da serra, não foi nosso instruendo?

Foi num dia de muito calor e Augusto não aguentou. Aos poucos foi molhando a boca e quanto mais molhava mais seca ficava e aos goles, gloop, gloop, quase fez desaparecer todo o cantil. Ainda tentou encher numa das várias fontes de água muito fresquinha que existem espalhadas na Serra das Meadas, mas os sacanas dos instrutores estavam atentos, parece que tinham radar.

- Onde vai nosso instruendo?

- Vou mijar.

- Mije na cueca, é mais ecológico e leve-a para a namorada, que ela fica toda contente.

Não teve outro remédio se não encher o cantil... Cantil sem água, vazio, é que não pode ser! Dava direito a tortura!

Antônio tinha aproveitado as férias para ir falando de alguns exercícios que provavelmente iriam surgir. Baseado na experiência do seu primeiro curso, ia dando umas dicas ao seu amigo, fazendo uma antecipação do que poderia surgir.

-...se bem que em Lamego, nunca temos a certeza do que vem a seguir. - dizia - Cada instrutor tem a sua mania e a sua *psic* sobre o curso. Tínhamos um, creio que já foi para África, que era uma autêntica lebre. Quando fazíamos instrução com ele na Serra das Meadas, ficávamos todos partidos e só nos apetecia ficar estendidos na cama durante três dias! Um dia, estávamos a descer a Serra das Meadas em *passo de corrida*. À frente do nosso pelotão ia o camarada Rosas. O aspirante Rosas era o comandante de grupo. Como sabes, ele é transmontano de gema e duro como o granito. O instrutor pôs-se à frente do grupo e deu um esticão, alargando a passada. O Rosas respondeu, colocando-se de novo à frente e alargou o passo. O instrutor esticou de novo e de novo passou para a frente. Bem, não queiras saber! Passados dois ou três km, estávamos todos de rastos, alguns a vomitar, outros caídos ou sentados no chão. À frente, sempre a correr continuavam o Rosas e o Instrutor, seguidos de dois ou três camaradas que tinham aguentado aquela corrida de loucos!

Depois de falar destas coisas, Antônio terminava sempre com o mesmo conselho;

- De qualquer modo, fica de sobreaviso e nunca reajas a nada. Há instrutores que gostam de provocar para ver como reagimos e a seguir levamos um *arraial de porrada* se lhes fazemos frente.

Agora, estão de novo formados na parada. As três Companhias estão completas e há alguns instrutores novos, bem como alguns soldados da *formação*³ que também vão partir para África, juntamente com as Companhias. - Como tudo é diferente. - pensa Augusto - já nada me assusta e até estou ansioso por sair com o *Cruz de Guerra*!

³ SOLDADOS DAS ESPECIALIDADES que garantiam o bom funcionamento numa Companhia: Enfermeiros, Mecânicos, Rádio-Telegrafistas, Cozinheiros, etc., etc.

O Cruz de Guerra, como já sabemos, era o famoso Tenente Rodrigo, que tinha vindo da Guiné para dar este curso. Também conhecido pelo *Cara de Pau* ou pela *Brigada do Cara de Pau*. Como já foi dito, eram três mais um, mas eram como se fossem um e não quatro, tal a aparência de corpo e de alma, neste caso, de ideias.

Havia algo de diferente nesta equipa. Rigorosos, duros, implacáveis, tinham no entanto o feitiço de captar a simpatia dos instruendos. Ninguém se sentia diminuído ou enxovalhado, quando maltratado por esta equipa! Ou porque sentiam dignidade no que faziam, ou porque viam que os instrutores eram os primeiros a dar o exemplo, ou porque, no absurdo de alguns exercícios, viam alguma lógica nesse absurdo, a verdade, é que depois do desabafo - *filhos da mãe, cabrões, são todos uma cambada de doidos!* - das abafos de momento - a verdade, repita-se, é que todos queriam fazer instrução com esta *cambada de doidos*.

Augusto também o desejava. Até estava ansioso!

Confessa que teve um arrepio na primeira vez que teve instrução com esta equipa. Quando chegou ao quartel, por voltas das cinco da manhã, depois de andar perdido pelas ruas de Lamego, ainda estava todo a tremer e ainda ouvia os risos que vinham do meio das uvas. Ainda via as fotos dos homens com bigode coladas às lapides, iluminadas pelas velinhas acesas e que passavam rente a ele quando rastejava e quase lhes tocava com a cabeça ou com a G3.

No entanto, passado os primeiros medos e tremeliques e em conversa com o camarada que gostava de uvas e não de pêra de boxe e que queria dar com a saída para o Café Piolho no Porto, em conversa com ele, dizíamos, Augusto notava que o absurdo não era assim tão absurdo e que à medida que ia falando com o camarada, notava uma certa paz, um certo bem estar, uma certa tranquilidade! O seu camarada estava de acordo. Já não se ouvia o desabafo - *cabrões, são uma cambada de doidos!*

Augusto não sabia explicar este sentimento. A verdade, é que em relação a alguns instrutores ainda mantinha a vontade de lhes dar uma carga de porrada e tinha físico para isso, agora que estava um Hércules, no dizer do menino Arnaldinho. Mas em relação à *Brigada do Cara de Pau*, não. Não tinha intenções de desforra!

Que se passava com Augusto? Que se passava com os Camaradas?

O mesmo que se tinha passado com António e seus Camaradas no curso anterior.

Os jovens estavam a crescer em corpo e mente e com isto, a alma ou que quer que seja e chame, crescia com eles, tornando-os homens fortes, duros e justos!

O episódio do cemitério tinha-o deixado confuso.

De formação religiosa, embora de poucas missas, de início ficou chocado. Quando às cinco da manhã chegou ao quartel a tremer, não foi só pela tarefa que apanhou, nem pelos risos das uvas, nem pelas velinhas acesas alumando as fotos dos senhores de bigode. Agora, algumas semanas depois do episódio, depois das mini-férias, depois do conforto da casa, depois das longas conversas com António e depois do abraço ao seu pai e da imagem suave, grave e triste do rosto da sua querida mãe, Augusto apercebe-se do que o que fez no cemitério foi algo de sério, profundo e marcante e que o iria acompanhar por toda a vida! Pela positiva, admitia!

Iluminado pela escuridão da madrugada, rastejando com instrumento de morte na mão, percebeu o significado da vida, o significado da morte, percebeu a luz das velas que teimam em dar vida aos mortos colados com vida nas lápides e percebeu quão necessário é tocar a vida para a frente, mesmo que nessa frente esteja um muro com salto para o desconhecido. Percebeu, que é preciso tomar opções, saltar o muro para encontrar o Éden. Percebeu também, que julgando-se no Paraíso, preparando-se para colher o Fruto, este, por vezes é proibido e se colhido indevidamente, pode trazer amargo de boca. Finalmente, percebeu que, perdido o caminho, há que encontrar de novo o rumo e chegar ao destino, entregando a Carta a Garcia! Depois de ser *tocado* por estes sentimentos, sentiu-se diferente. Mais forte, mais independente e menos à deriva! Sentiu que o Augusto que se conhecia, que ele conhecia, dava lugar a um Augusto, que ele até então não conhecia!

DÁ UM BEIJINHO E METE A LÍNGUA

- Olha, foi numa época destas...

Amanhã devemos ir até à Régua, ao Rio Douro. Está cá o tenente Moraes Silva e ele gosta de nos dar banho. Especialmente quando está frio!

Dias mais frios, algumas noites já muito frias, próprias da época.

O Curso de Comandos estava a chegar ao fim e a data de embarque para a Guiné estava marcada para 22 de Dezembro. Nem mais. Vésperas de natal.

Os jovens começam a aperceber-se que as coisas importantes da vida têm peso e significado relativos e que a importância das coisas mudam consoante a importância que outros lhes atribuem!

- Pode ser confuso, mas não é. É claro como a água da serra das meadas. - diz António a Augusto. - O dia 15 de Agosto que te faz lembrar? A nossa comunhão solene, não é? Festa rija na nossa terra, com foguetório a desafiar o foguetório da terra vizinha! Onde estavas? Aqui a dar o corpo ao manifesto. No São João, dia dos teus anos, corríamos todas as garagens à procura do melhor bailarico. Onde estavas? Em Santarém, se calhar a engraxar as botas ou de faxina à cozinha! É o que te digo Augusto, estão-se borrifando para os dias importantes de cada um. Vamos embarcar na véspera de Natal? E depois? É um dia igual aos outros. Olha, se fosses ao Brasil passar o Natal, apanhavas com quarenta graus e Natal de grilo. Já não te sabiam bem as batatas com bacalhau. O Natal é isso mesmo, batatas com bacalhau. E frio!

Augusto desiludido, replicou:

- Mas, por dois ou três dias podiam adiar o embarque. Não percebo!

António tentava consola-lo.

- Se calhar, até vais gostar do Natal no alto mar! Pelo menos, será diferente!

Augusto não se conformava. Sempre ouviu a sua mãezinha dizer que o Natal é festa da família, época de paz e amor. Em sua casa junta-se montes de família. Tios e tias que nunca mais acabam! Da parte do pai João é quase uma equipa mista de futebol e da parte da mãe dá para encher o banco de suplentes e ainda sobra. Era assim noutros tempos e na sua casa ainda é assim! Ao todo, sentam-se na mesa cerca de quarenta pessoas! Uma alegria!

- São primos e primas, todos à mesa, ceia farta com boa pinga, bom azeite e boa batata, tudo da nossa casa! - Diz Augusto O bacalhau, o meu tio que vive em Aveiro vem trazê-lo todos os anos logo no princípio de Dezembro, no dia 8, *Dia da Mãe* e dos anos da minha mãe! Ele gosta muito da minha mãe, e diz que é uma prenda para a cunhada mais bonita que tem, além que nessa altura é mais barato. Diz que não há melhor bacalhau do que o da seca de Aveiro. A minha mãe também diz! Uma maravilha. Depois da ceia, já não temos barriga para as doçarias. A minha mãe começa uma semana antes a fazê-las. Durante a noite e até o sono chegar, jogamos as cartas, o dominó o quino - lembras-te do quino? - já não se usa muito este jogo. Jogamos com a piasca ao rapa, tira, deixa e põe a amendoins ou a rebuçados ou a cigarros de chocolate, sei lá, como somos muitos, primos e primas, alguns eu nem os conheço, jogamos a todos os jogos que há. Olha, foi numa época destas que fiquei sem os três!

- Ai sim? Conta lá. - diz curioso António.

- Foi com a minha prima Jaqueline. Não sei o que é feito dela. Nos últimos anos

não tem vindo e o meu tio evita de falar no assunto. Parece que se divorciou e se afastou um pouco do meu tio.

- Deixa-te de tretas e conta lá como foi. Estou em pulgas para saber!

Um ano, veio um tio que eu não conhecia. Estava em França. Era bastante mais velho que o meu pai. Parece que não gostava muito da lavoura e deu o salto para França. O meu pai dizia que a minha avó andou a chorar pelos cantos da casa durante um mês. Nesse ano, eu devia ter dez ou onze anos, não sei bem, chegou o meu tio com a minha tia e as minhas primas. Bom carro e a falar francês quando estava chateado com as meninas e a mudar para português a meio da conversa. Que nervos! Também eram três como as nossas. A mais velha era a cara chapada da minha irmã Anita, a que é a seguir a mim. Olhar para a minha prima franciú era adivinhar a cara da Anita quando fosse mais velha.

Chegaram uma semana antes do Natal. Eu já estava de férias da escola.

Assim que vi a Jaqueline, assim se chamava e chama a minha prima, ela olhou para mim e sorriu com ar matreiro. Como sabes, eu com dez ou onze anos tinha mais físico do que alguns dos *homicos* que agora são aprovados para a tropa! Ela devia ter dezassete ou dezoito anos e as outras duas eram bastante mais novas. Mais ou menos da minha idade.

Quando sorriu para mim eu senti uma coisa que só em sonhos tinha sentido. A minha pila que só servia para urinar, começou a ficar rija e eu fiquei todo vermelho e atrapalhado. Ninguém reparou, mas ela piscou-me o olho.

No dia seguinte chovia muito e eu fui para o palheiro. Como eu adorava estar no meio do folhelho nos dias de chuva! A chuva a bater nas telhas e nas caleiras de chapa zincada e depois a água a bater na ardósia da eira, o cheiro a folhelho e a barba de milho, o cheiro a milho que o meu pai metia nas enormes caixas, os cheiros às coisas do campo que se guardavam no palheiro e acima de tudo, o quentinho a saber a fofinho de se estar enterrado no meio do folhelho! Sabes António, eu nasci para ser lavrador! Nem a comichão do folhelho me chateava. Estava eu na parte de cima do palheiro que era onde o meu pai punha o folhelho e sinto alguém a subir as escadas. Era a minha prima Jaqueline.

- Ah! Estás aqui! Andava à tua procura e a prima Anita disse-me que devias estar aqui. Ah! Que fofinho estás aqui, posso sentar-me?

- Sim, podes.

Eu nunca tinha visto uma coisa daquelas! Ficava a imaginar quando o Alfredo da Moira dizia que a Dete das bananas tinha um melro que lhe dava até ao umbigo. Dizia ele, que ela tinha pêlos até ao cu e eu ficava a imaginar como seria! Um dia até sonhei! Uma vez, ainda me meti no meio do milho, mas não vi nada por estar cheio de medo de ser descoberto! O Alfredo da Moira, não. Não tinha medo nenhum e até parecia que a Dete gostava desse jogo, lembras-te?

- Sim, claro que me lembro! E quando ela dizia - *anda lá meu mafarrico, se te apanho a espreitar ainda te afojo ou corto-te o assobio!* Mas continua, continua que estou a gostar de te ouvir!

- Agora, tinha a minha prima virada para mim de pernas abertas e com uma cuequinha vermelha tão pequenina, que eu nunca tinha visto igual no coradoiro. Era um fio vermelho metido no meio da racha.

- Gostas? - perguntou ela, com ar malandro. Eu disse que sim, meio atrapalhado, meio receoso, meio tremeliques.

- Mete a mão, mete a mão que é fofinho.

Meti a mão e ela pegou-me na outra e meteu-a por entre os botões da blusa e esfregou-a nos peitos. Comecei a sentir a cabeça a andar à roda.

- Esfrega, esfrega mais. - pedia ela - Já te vieste alguma vez?

- Como? Sim, já me vim. - disse eu, pensando que ela me perguntava se já tinha vindo de férias da escola!

- Então, temos que ter cuidado, olha, dá um beijinho e mete a língua! ...

- Nisto, ouvimos alguém subir na escada e à pressa fingimos que estávamos a dormir. Era a minha irmã Anita... Bem, então é pelo Natal que vamos embarcar, não é? Pois que seja. Tens razão. Natal é batatas com bacalhau!

- E linguado! - diz António, sorrindo!

... da II PARTE

9

SERIA PELO FRIO?

- **Tudo, aspergido por água benta!**

António e Augusto nunca tinham ido à capital. Pelo menos no sentido literal da coisa. Ir de, pôr os pés.

António recorda-se vagamente, na memória que sobra de quando se é criança de cinco ou seis anos, de ter passado por Lisboa a caminho de Sintra, local onde passou férias na colónia de férias do emprego do pai. Retém na memória, vaga e difusa, de ter desembarcado numa grande estação, maior que a de São Bento, que para António era a maior do mundo e de ter visto grandes barcos a atravessar um rio que parecia um mar em frente à estação e de ter visto edifícios altos, muitos automóveis e de ter visto aviões no ar. Lembra-se de ter mudado de comboio, entrando noutra estação também junto ao grande rio que parecia um mar e saído noutra e de ter entrado num eléctrico sem portas e que andava pelo meio de vinhas com uvas maduras e o levou até à porta da colónia de férias em Sintra. No ano seguinte, repetiu a viagem e quando o pai o foi visitar, deixou as férias pela metade, agarrando-se ao pescoço do pai, vindo embora por saudades da mãe. Esta era a *vista* que tinha da capital, a última agarrado à mão do pai, ansioso por chegar a casa.

Ao leitor deste romance pode cheirar a estranho; dois jovens de vinte anos sem conhecer a capital? Outros tempos, outras prioridades e também outras dificuldades. Não admirem se ouvissem António afirmar que conheceu pessoas da sua terra que nunca viram o mar, apesar de viverem apenas a 25 km do mesmo! Era a pura realidade. Como dissemos, outros tempos, outras prioridades! Outras dificuldades, também!

É claro que António e Augusto tinham mais ou menos a noção do que iam encontrar. Edifícios altos também os haviam na cidade do Porto. E também automóveis. E também aviões no ar, embora nada comparável à capital. O Porto era a segunda cidade da terra lusa, mas entre o Porto Cidade e a Capital, cabiam mais duas cidades, melhores que o Porto e piores que Lisboa. Cabiam e continuam a caber, agora não duas, mas três pelo meio. Na época, Lisboa ficava a trezentos Kms, hoje, fica a três mil. Mas havia a televisão e era nela que diariamente passavam as imagens dos embarques e desembarques das *nossas tropas*, como então se dizia. António recorda-se da primeira televisão que chegou à terra. Tinha onze ou doze anos e praticamente coincidiu com o eclodir da guerra em África. Todos os sábados ia ver televisão ao seu club de futebol, local onde estava instalada a Tv. Pagava cinco tostões para ter acesso ao salão onde estava instalada a caixa mágica que deu cabo do mundo! Mas na época, António não adivinhava isso e ficava

encantado com os episódios do Bonanza e ainda mais com os episódios - chatos, no dizer dos adultos - do Vitorino Nemésio... *Se bem me lembro...* - dizia o pensador, com mau tempo no canal - ou do João Villaret... *Tocam os sinos na torre da Igreja...* - declamava o artista, que terminava quase todos os programas de lágrimas nos olhos! António ficava preso nestes programas e dava por bem empregue a fortuna que pagava todos os sábados. Cinco tostões! A princípio e pela pouca idade que tinha, custou-lhe perceber as conversas do pensador e do artista que chorava. Depois, apanhou-lhes a alma e não perdia bocado das suas conversas! Que não era da treta. Como estes programas davam só no fim dos episódios de entretenimento, quando dava conta, via-se sozinho no meio do salão e não tinha acompanhantes para a bandeira e hino nacional com que encerrava e emissão. Antes dos programas *chatos*, davam as notícias sobre a guerra-do-ultramar e o salão ainda estava cheio, pois toda a gente queria saber novidades. - *Estes turras querem ficar com o que é nosso* - diziam os adultos, pais de família e já sem idade de ir à tropa - *havemos de os foder a todos* - sentenciavam!

Os mais velhos, cinco ou seis anos mais que António, já com a peluche a sair da cara e a parecerem homens de barba rija, manifestavam desejos de ir o mais depressa para dar cabo dos turras. Depois, dois ou três anos mais tarde, na hora da verdade, já não era bem assim. Alguns, poucos, arranjavam uma doença da última hora e safavam-se da tropa e outros, os pobres, davam o salto para França.

Aos dezoitos anos, António e Augusto já *levavam* cinco ou seis anos de guerra e conheciam todas as imagens sobre a mesma. Imagens da Tv, claro!

Conheciam as imagens de cor e salteado do Cais da Rocha e de Lisboa, imagens repetidas diariamente, quanto mais não fosse, pelo *Interludio*, espécie de intervalo com imagens sem palavras, que dava em vez da publicidade ou quando havia avaria no programa, coisa frequente! *O programa segue dentro de momentos!* Que nervos! As imagens dos embarques e desembarques eram diárias, bem como os panoramas sobre Lisboa, Luanda, Lourenço Marques e Bissau, numa tentativa tardia de mostrar como a Terra Lusa era imensa, espalhada por esses mares fora e que a paleta de cores matizadas das suas gentes, era tão rica como o espectro de cores do arco-íris. Nos enormes painéis de publicidade postados ao longo da estrada nº1, a principal via que ligava Porto a Lisboa, podia-se ler a seguinte frase publicitária: *Portugal, cinco mil kms de praias*, acompanhada por fotos das nossas praias e de praias da África nossa. Todas estas imagens bailavam na cabeça de António. Em cima da berliet, a caminho do Cais de Chegada que seria o da Partida, dava-se conta de que o clima estava um pouco atrasado para a época, pelo arrepio que por vezes ia sentindo. Seria pelo frio? Ou seria pelo receio do desconhecido? Ou pelo receio do conhecido, da imagem do seu camarada ferido em cima do Honimog saltando de pedra em pedra sobre caminho de cabras e a caminho do hospital de Lamego onde viria a falecer? Ou no lamento, por um Curso de Comandos, onde se anda com bala na câmara, não ter um helicóptero de apoio e que poderia marcar a diferença entre a vida e a morte?

Tudo isto bailava na cabeça de António e muito provavelmente na cabeça de toda a companhia.

Após oito horas de viagem, chegaram a Lisboa, onde esperavam os senhores da guerra e os heróis que decidem da história! Tudo, aspergido por água benta!

- **Buraco pestilento.**

O **NIASSA**⁴ estremeceu, e com ele, os medos dos embarcados. Ouviram-se os potentes motores, agora em rotação de arranque e com estremeção maior! Voltou a apitar no seu rugido de trovão e António voltou a estremeecer!

- Então Augusto, que dizes?

- Foda-se, até me dói a barriga!

- Também a mim. Estou todo a tremer e ainda não estou em mim! - disse António!

O **NIASSA** voltou a apitar, agora sob a Ponte com nome de herói, em gesto simbólico de despedida – *Adeus até ao meu regresso.*

Os nossos viajantes nunca tinham entrado num barco de tão grande bojo. Apenas num pequenino, mesmo pequenino, de três ou quatro ocupantes, que costumava estar amarrado junto ao coradoiro, que também era campo da bola, apesar dos protestos da menina Dete, a Dete das bananas. O pequeno barco permitia às lavadeiras do outro lado, as de *além-do-rio*, atravessarem para o local onde tinham as pedras em ardósia, as *lousas de lavar*, como lhes chamavam.

É claro que já tinham visto barcos grandes, barcos de carga no porto de Leixões. Tanto António como Augusto não pertenciam ao grupo daqueles que nunca viram o mar. Mas, um navio tão grande como este, ver, mesmo de ver, ver com os pés, nunca tinham visto. Só com os olhos.

Distribuídos e identificados os lugares, cada qual no seu, António e Augusto encontraram-se depois de conhecerem as suas instalações, para uma visita ao barco. Que não era o do amor.

- Foda-se! - diz Augusto – nem no tempo do meu avô os nossos criados dormiam num sítio daqueles. Diz o meu pai que os jornaleiros do meu avô dormiam no palheiro, mas em cama confortável e com cheiro a saudável. Aquilo ali é um buraco pestilento, parece um forno e com uns em cima dos outros. Não vou conseguir dormir naquilo, é um fedor terrível!

António tivera melhor sorte. Por força do seu posto, a sua cama estava situada num camarote de quatro camas e com vigia redonda virada para a paisagem. Situado a meio do navio o efeito do balanço era menor, pelo que neste particular não tinha muito que se queixar. O mesmo não podiam dizer a quase totalidade dos dois mil homens acantonados em local de carga, os porões, agora adaptados de modo tosco a transportar seres humanos. Adaptados? Coisa nenhuma! Nos porões que antes armazenavam os pipos de vinho, as máquinas agrícolas, os materiais de construção que tocavam para a frente o desenvolvimento das províncias-ultramarinas e de lá carregavam as madeiras exóticas o café, o chá, o algodão, o camarão e outros mimos que consolavam as gentes *do continente*, neles, nos porões, foram agora colocados beliches em diversos andares. Apenas isto. Onde antes havia mercadoria, havia agora gente. Gente mesmo, de carne e osso, embora não faça parte da História.

Da visita ao resto do barco, rapidamente verificaram tratar-se de um barco cansado, gasto por muitos anos de transporte de mercadorias e agora disfarçado em transporte de passageiros, disfarce que a recente pintura de conservação não conseguia iludir.

- É o que temos! - diz António sem razão de queixa.

- Se na ida nos mandam assim, na vinda mandam-nos a pé ou de barco a remos. - dizia Augusto, homem optimista por natureza e fodido na sua primeira grande desilusão da vida.

- Sabes António, o meu pai sempre me ensinou que os tipos do governo eram gente decente, que coitados, trabalhavam muito para o país, que se sacrificavam muito pelo bem-estar das pessoas e não sei que mais. Sempre cresci a ouvir com atenção o que o meu pai me dizia. Queria ver esses tipos do governo a dormir na pocilga que nos

⁴ NIASSA – barco misto de carga e passageiros adaptado para transporte de tropas para África.

arranjaram. Os nossos porcos têm melhor cama! Tenho a certeza que estes caralhos nunca puseram um pé num buraco destes e nunca estiveram em África!

É ASSIM QUE NOS TRAMAM

- ...é pior que a cena do ben-hur!

A ponte tinha ficado para trás. Um último adeus, para ninguém e para todos foi acenado e agora, ao longe, apenas se avistam uns pontos multicores que seguram e agitam o que parece serem lenços brancos, a cor da paz, acenando a outros pontos em tons de verde, a cor da esperança, que se afastam ao encontro da cor negra, a cor do medo!

A silhueta da ponte acabou por desaparecer. A noite chegou fria e húmida e um misto de desconforto e tontura apoderou-se da cabeça de António. Só então se apercebeu que esta seria uma noite diferente, diferente de todas as noites que vivera até aquela idade. Só então se apercebeu que o chão não era tão firme como habitualmente e que a sua cabeça andava à roda em corpo parado. Uma intensa e fresca brisa beijou-lhe a face, despertando-o do estado meio-zombie em que até ali estaria mergulhado. Realmente, a noite seria diferente e diferentes seriam as seis seguintes!

O jantar, que na terra de António e Augusto se chamava ceia, chegou e foi servido no salão-restaurante instalado a meio do navio. Jantar delicioso, a fazer jus à fama dos cozinheiros da marinha. O NIASSA era um barco pertencente à marinha mercante portuguesa e for requisitado pelo exército para transporte de tropas para o Ultramar. Classificado como barco-misto, estava preparado com porões de carga e instalações para cerca de três centenas de passageiros, dado que nos últimos anos da década de cinquenta, eram cada vez mais os civis a viajar para África, em busca de negócios ou de trabalho. É nestas instalações destinadas aos passageiros civis, que viajam oficiais e sargentos e a tripulação graduada do navio e não sendo como as de *um barco do amor*, eram instalações que permitiam uma viagem confortável.

António pensava em Augusto.

- Como será o refeitório dos soldados? Idêntico ao que chamam de *dormitório*?

- Pior, António! - dizia Augusto, já perto da meia-noite. - É lá à frente na proa, no sítio pior para se comer! Parece um barco a balouçar!

- Mas... é um barco!

- Sim, mas parece uma casca de noz, balouçando no meio de enorme tempestade!

O calor é um sufoco e o cheiro é nauseabundo. Não conseguimos comer, porque não seguramos os pratos e não damos com a boca. A boca foge da colher. Não há garfos nem facas, só colheres e ainda bem. Peguei em dois moletes, abriu-os com a mão e meti dois bocados do que parecia ser carne mastigada e saí agarrado aos outros, tão tontos como eu. Foda-se, isto é pior que a cena do Ben-hur, lembras-te? do filme que vimos há uns tempos. Só nos falta ter que remar com chicote nas costas. Se não for obrigado, não volto lá, prefiro comer sandes aqui fora! E diz o meu pai que estes caralhos se sacrificam pelo povo. Queria vê-los aqui, feitos baratas tontas com a colher à procura da boca. Sacrifício

do caralho! Vêm para a televisão com a treta das conversas em família! É assim que nos tramam a todos!

A BRISA DA INCERTEZA

- Será que esta viagem tem regresso?

29 de Março de 1970, dia de Páscoa. Quarto dia de viagem. Para ser mais rigoroso, quarta noite de viagem, quinto dia após o embarque.

Augusto está mais conformado com as condições miseráveis da viagem, mas continua na dele. - *Aqueles sacanas preocupam-se é com eles!*

António, de serviço à Companhia de Comandos na véspera de Páscoa, tentou ir ao refeitório dos soldados, mas não conseguiu permanecer no interior do refeitório. Trata-se de uma divisão improvisada para o efeito e situada na proa, local onde o baloiçar do navio se faz mais sentir. O calor era enorme e o cheiro a comida era insuportável. Já dentro, sentiu a cabeça a rodopiar e o estômago a contrair-se. Desistiu de permanecer no interior e agarrado às grossas cordas que ensinavam o acesso ao refeitório, saiu, cambaleando!

Estranhamente, o calor apareceu com o acordar desse dia, dia de Páscoa, indicava o calendário, mas, um dia igual ao da véspera e igual aos anteriores. Sem foguetes e compasso. Agora, este calor surgido e nascido da noite para o dia!

- Estranho! - questiona-se António. - Já reparaste Augusto?...da noite para o dia, surge este calor de sufoco!

- É que estamos no Golfo da Guiné, estamos já a sofrer a sua influência. - disse um marinheiro da tripulação do Niassa, habituado a estas andanças e à pergunta de António - *Porquê este calor?*

De véspera, António e Augusto em amena cavaqueira até as tantas da madrugada, já se tinham apercebido da agradável noite que se fazia sentir. Comparada com a noite anterior, era como se tivessem passado do inverno para o verão! Como que por milagre, a manhã desse dia abandonou o ar frio que até aí os visitava, numa tentativa de fazer retardar ao máximo o corte do cordão umbilical com o cais de partida e a tarde apresentou-se cada vez mais quente, mais húmida, mais não sei como, cheirando a outro clima, a outro sitio desconhecido!

A brisa, que dantes era fria, fria de enregelar e que fazia apetecer uma farda mais quente, é agora fresca de consolar, como se fosse de verão e soubesse melhor que o ar condicionado, coisa não usada na aldeia de António e que só se ligava na cidade.

- Ah! que fresquinho! - disse Augusto - saí agora do forno, daquele buraco pestilento, malcheiroso e miserável a que chamam refeitório. Aquilo é insuportável! Não consegui comer nada, fiz umas sandes. Que estás a fazer?

- Estou a escrever.

- Para a namorada?

- Não, estou a escrever coisas, queres ver?
 - Coisas?
 - Poemas!
 - Poemas? Bem sabes que eu não sou dado a letras, mas sim, deixa ver.
- António estendeu-lhe o caderno que sempre o acompanha desde o início da tropa.
- Pega, lê.

A BRISA DA INCERTEZA

Estranha sensação esta,
navegando num mar desconhecido,
com brisa que sopra e me refresca
o anseio e receio no embarque tido!

Como é a terra a que me leva este mar?
Como é a gente que a gente não conhece?
Tenho pressa no receio de chegar.
Tenho esperança de que nada me acontece.

Onde me leva este mar de incerteza,
em dia festivo de Páscoa em outros mundos?
Em noite de fresca brisa que me assossega
e me acalma nos receios mais profundos.

Em noite com sol de lua cheia,
onde me leva este mar de dúvida feita?
Que me afasta da certeza de vida meia
e me leva ao porto da maleita.

Será que esta viagem tem regresso?
Que o cais de chegada é de partida?
Que as águas que navego e não conheço,
são águas conhecidas por viagem tida?

- Que achas, Augusto?
- Bem, António, bem sabes que eu...
- Não Augusto, não quero uma opinião literária. Pretendo apenas saber se te revês no poema. Se partilhas os mesmos receios e as mesmas incertezas!

- Eih, António - diz Augusto, coçando a cabeça - o que eu acho é que pegaste numa broca e foste directo ao meu cérebro e de lá chegaste à minha alma. Só a minha mãe, com aquele olhar enigmático que por vezes me lança, era capaz de me dizer, sem falar, o que cantas neste teu poema. És um enigma para mim que te conheço desde que nasci. Estás com medo?

- Sim, estou com medo, Augusto! Claro que estou com medo. E quem não está? Medo de medo, não como aquele medo a que chamamos receio, que não é medo nem receio. Agora que estamos a chegar ao Cais da Maleita, sinto um aperto! Sinto um sufoco que me tolhe o pensar! Os outros, os que não são dos Comandos, ainda devem estar com mais medo do que nós!

A madrugada ia alta e era bom estar na coberta, apreciando o luar reflectido nas águas mansas do atlântico. Por vezes, sem se aperceberem, davam uma palmada num dos braços, depois noutro, ou coçavam a cabeça. Ao fim de algum tempo, disseram, - *Possa, estou todo ferrado dos mosquitos!*

Nos meses seguintes, era a frase mais pronunciada: - *Estou todo ferrado dos*

mosquitos!

- Bem, vamos dormir, antes que sejamos comidos!